

O próximo livro de José Cardoso Pires

# Qualquer coisa novas fora, nada

Ana Sousa Dias

É um daqueles conversadores imparáveis, que engatilham histórias umas nas outras. É nesse turbilhão que fala dos oito dias em que viveu amputado de memória, descobrindo que esta é a coisa mais sagrada que uma pessoa tem. Ri-se desses dias estranhos, quando sentia sem sentir e sabia verdades tão evidentes como esta: "Qualquer coisa novas fora, nada."

José Cardoso Pires está a escrever um novo livro que espera ter pronto para editar em Novembro. Num processo complicado de narração, ele procura contar os oito dias em que viveu num mundo sem memória nem sentimentos, dependente de um minúsculo coágulo de sangue.

É a história, real e decerto ficcionada q.b., do acidente vascular cerebral que o escritor sofreu em 12 de Janeiro do ano passado e do qual recuperou rápida e inesperadamente. Mas é uma história contada a duas vezes, num desdobramento provocado pela perda parcial da memória: o escritor situa-se entre o "eu" que sabe tudo e o "ele" que se perdeu, numa estratégia de complicado equilíbrio. Como explicou ao PÚBLICO:

"Está a ser muito difícil escrever este livro. Porque há uma parte em que sou eu, de facto, a contar o que me lembro de ter fei-

to. E há uma outra parte em que eu conto o que fiz mas de que não me lembro, coisas que alguém me contou. Arranjei uma solução. A certa altura, desdubro o sujeito em dois: eu e o outro, 'ele'. 'Ele' é o tal tipo que não tem memória. 'Eu' sou eu com as informações que tenho cá de fora. Eu descrevo 'ele', falo dele como se fosse uma segunda personagem."

Porque na verdade "ele" não é o José Cardoso Pires capaz de contar histórias amigável e interminavelmente, mas alguém amputado da memória, alguém que não sabe como se chama, que conhece as pessoas mas não sabe atribuir-lhes nomes, que tem por companheiros de quarto dois homens de que apenas percebe, nos primeiros dias, contornos de sombras. "Estou a descrever um outro tipo e ao mesmo tempo tomo a responsabilidade de mim mesmo: isto é verdade porque se passou comigo, mas 'ele' neste momento está a fazer isto. Como se fosse assim: identificar e desidentificar."

"Como te chamas?"

"Ele" está no hospital, a perder a memória a passo acelerado, porque um coágulo de sangue se alojou "na zona nobre do cérebro". Começou por sentir-se mal, em casa, mal como nunca antes se sentira. E perguntou à mulher: "Como te cha-

mas?" Alarmada, ela que foi enfermeira toda a vida, responde: "Edite. E tu? 'Parece-me que é Cardoso Pires'. Mas já está longe."

Vão para o hospital e é diagnosticado um acidente vascular cerebral. Um coágulo entope um vaso no cérebro e impede a irrigação. Horas depois, o risco de morte cerebral é elevadíssimo, mas na noite seguinte, o tratamento resulta: o coágulo começa a desfazer-se, a circulação é reposta.

Desinteressado e indiferente, "ele" move-se com todo o à vontade, porque nenhum centro motor foi atingido, mas penteia-se com a escova de dentes. "Ele" ri por dentro, indulgente, das perguntas tontas que os médicos lhe dirigem: se lhe apontam um relógio — e fazem-no vezes sem conta, e fazem-no todos os médicos que o visitam — responde, cordial, que é um fato de banho, e fica a pensar lá por dentro que estão a tratá-lo como um garoto, que gente estranha.

"Ele" fixa com intensidade os olhos dos homens que aparecem no quarto, e dos homens em especial porque já reparou num pormenor curioso: só os homens choram quando olham para ele.

Agora é Cardoso Pires a explicar, passado um ano e meio: "Aquilo não me impressionava, porque havia uma frieza total, não tinha afectividade por ninguém. As pessoas chegavam, eu estava porreiro com eles, como uma pessoa estranha que eu tenho que tratar bem. Sabia que tinha relações, por fim já tinha a percepção que era um acto de amizade terem-me visitado, havia ali qualquer coisa que me era grata. Mas quem eu vi a chorar foram três homens. Nenhuma mulher, nem a minha mulher nem as minhas filhas, chorou à minha frente. Mas lembro-me perfeitamente do Manuel Brito, da Galeria 111, agarrado a um lenço e eu a ver as lágrimas."

"Ele" está também a passear no corredor do hospital e vê uma palavra escrita sobre uma porta. Estranha ver ali — que raio — caracteres cirílicos, então há aqui coisas escritas em russo, pensa. Pergunta à mulher o que diz aquele letreiro. "BANHOS", responde ela. Só que o que "ele" vê, distintamente, são o B e o N ao contrário, e portanto cada vez que ali passa vê distintamente a palavra russa, já esquecido do que a mulher lhe leu.

"Eu era dócil"

Para a escrita do livro, José Cardoso Pires não quer a ajuda nem as explicações de nenhum médico, nem mesmo dos que de mais perto o acompanharam. "Porque o livro só pode ter piada se for escrito por um tipo analfabeto do seu corpo. Há tratados médicos perfeitos, a esse nível o livro

não vale nada. O que é giro é aparecer aquilo que eu senti, mesmo as coisas mais aldrabadas, menos verdadeiras, mais falseadas, mais ignorantes de tudo isso. É a visão de um tipo que teve uma experiência e que, por acaso, não sabe nada de médicos nem de medicina, nem quer saber. Mas é uma coisa lixada. Porque o problema para mim é a memória — cientificamente, não é — mas para mim é a memória. Um tipo perde a memória e depois não sabe ler nem escrever. Não fala. Contaram-me que eu começava a tentar dizer uma coisa e depois terminava a frase com uma palavra só com consoantes. No entanto, eu andava bem disposto. Sorria, fazia assim [encolhia os ombros], dizia 'deixa lá', e não acabava a frase."

E o homem insiste: "Eu era dócil, muito bem disposto. Evidentemente quem não tem memória não tem capacidade de responder. Não equaciona. Foi aí que eu aprendi que a memória é a coisa mais sagrada que uma pessoa tem."

Tinha uma atitude passiva, tolerante, eu não tinha a mais pequena impressão de que aquilo era uma coisa grave. Sabia que aquilo não estava bom, que era uma crise e tal. Aceitava com calma e sem a menor angústia, quase desinteresse, as minhas incapacidades. Eu pegava num jornal, olhava, queria ler, via logo à primeira abordagem que não conseguia, punha de parte e ficava porreiro."

Só quando eu começo a melhorar aí é que eu começo a pensar mas é outra coisa: eu estou a caminhar para a loucura. E isso é que me começa a absorver, quando "aquilo começa a abrir. Mas, é engraçado, sentia-me num mundo de trevas brancas, aquele hospital era totalmente branco."

Passou então a aperceber-se de que vivia entre dois outros homens, doentes como ele, que esperavam vez para ser operados. E foi uma revelação: de um lado, o senhor Delfim, empreiteiro, que sabia perfeitamente que Cardoso Pires era escritor porque tinha comprado uma vez um livro chamado "O Delfim". Do outro lado, o senhor Álvaro, comerciante da Nazaré. Fizeram-lhe boa companhia, ao ponto de o escritor dizer agora, ainda a rir às gargalhadas: Aquilo era uma tourada, os dois tinham piada aos pontapés. O Solnado e o Herman José ao pé daquilo perdiam. Era um carnaval. Dois homens que estão para ser operados aos miolos e não páram de dizer piadas, da maior crueldade, um ao outro."

Feitas as contas ao que aconteceu nesses oito dias, Cardoso Pires guarda a estranheza de um mundo sem memória, sem angústia, sem nomes. E por falar em contas, agora "ele" está a responder a uma médica que lhe pergunta: "Onze menos nove quantos são?" E "ele": "Nada". "Nada?!" E "ele", com um sorriso: "Qualquer coisa novas fora, nada." ■

